

Texto 4 - A

Crescido no seio de pescadores, nunca o jovem Mario Jiménez suspeitou que no correio daquele dia haveria um anzol com que apanharia o poeta. Mal lhe entregara o fardo, o poeta distinguira com precisão meridiana uma carta cujo envelope rasgou diante de seus próprios olhos. Essa inédita conduta, incompatível com a serenidade e discrição do poeta, encorajou no carteiro o início de um interrogatório e, por que não dizê-lo, de uma amizade.

- Por que abre essa carta antes das outras?
- Porque é da Suécia.
- E o que é que a Suécia tem de especial, fora as suecas? Embora Pablo Neruda possuísse duas pálpebras inalteráveis, dessa vez, pestanejou.
- O Prêmio Nobel de Literatura, filho.
- Vão lhe dar.
- Se me dão, não vou recusar.
- E quanto dinheiro é?

O CARTEIRO E O POETA

O poeta, que já havia chegado ao miolo da missiva, disse, sem ênfase:

— Cento e cinquenta mil e duzentos e cinquenta dólares.

Mario pensou a seguinte piadinha: “e cinquenta centavos”, mas o instinto reprimiu sua contumaz impertinência, e, em troca, perguntou da maneira mais polida:

- E então?
- Não?
- Dão-lhe o Prêmio Nobel?
- Pode ser, mas desta vez há candidatos com mais chance.
- Por quê?
- Porque escreveram grandes obras.
- E as outras cartas?
- Leio depois — suspirou o poeta.
- Ah!...

Mario, que pressentia o fim do diálogo, deixou-se consumir por uma ausência semelhante à de seu predileto e único cliente, mas foi tão radical que obrigou o poeta a perguntar:

- Em que você ficou aí pensando?
- No que dirão as outras cartas. Serão de amor?
- O robusto poeta tossiu.
- Rapaz! Eu estou casado. Que a Matilde não escute!
- Desculpe, dom Pablo.

Neruda assaltou com ímpeto seu bolso e extraiu uma nota daquela categoria “mais que o normal”. O carteiro disse “obrigado”, nem tão angustiado pela soma quanto pela iminente despedida. Essa mesma tristeza pareceu imobilizá-lo até um grau alarmante. O poeta, que se dispunha a entrar, não pôde deixar de se interessar por essa inércia tão pronunciada.

— Que há?

SKARMETA, Antônio. O Carteiro e o Poeta. Rio de Janeiro: Record, 1999.

- Dom Pablo?...
- Você fica aí parado como um poste.
- Mario retorceu o pescoço e procurou os olhos do poeta, indo de baixo para cima.
- Cravado como uma lança?
- Não, quieto como uma torre de xadrez.
- Mais tranqüilo que um gato de porcelana?
- Neruda soltou o trinco do portão e acariciou-se o queixo.
- Mario Jiménez, afora as *Odes elementares*, tenho livros muito melhores. É indigno que você fique me submetendo a todo tipo de comparações e metáforas.
- Como é, dom Pablo?!
- Metáforas, homem!
- Que são essas coisas?
- O poeta colocou a mão sobre o ombro do rapaz.
- Para esclarecer mais ou menos de maneira imprecisa, são modos de dizer uma coisa comparando-a com outra.
- Dê-me um exemplo...
- Neruda olhou o relógio e suspirou.
- Bem, quando você diz que o céu está chorando. O que é que você quer dizer com isto?
- Ora, fácil! Que está chovendo, ué!
- Bem, isso é uma metáfora.
- E por que se chama tão complicado, se é uma coisa tão fácil?
- Porque os nomes não têm nada a ver com a simplicidade ou complexidade das coisas. Pela sua teoria, uma coisa pequena que voa não deveria ter um nome tão grande como *mariposa*. *Elefante* tem a mesma quantidade de letras que *mariposa*, é muito maior e não voa — concluiu Neruda,

exausto. Com um resto de ânimo indicou para Mario o rumo da enseada. Mas o carteiro teve a presença de espírito de dizer:

- Porra, gostaria tanto ser postal!
- Rapaz! Todos são poetas no Chile. É mais original que você continue sendo carteiro. Pelo menos caminha bastante e não engorda. Todos os poetas aqui no Chile somos barrigudos.

Neruda retomou o trinco do portão e dispunha-se a entrar quando Mario, olhando o vôo de um pássaro invisível, disse:

- É que se eu fosse poeta podia dizer o que quero.
- E o que é que você quer dizer?
- Bom, justamente o problema é este. Como não sou poeta, não posso dizer.

O poeta apertou as sobrancelhas por cima do tabique do nariz.

- Mario?!
- Dom Pablo?!
- Vou me despedir e fechar o portão.
- Está certo, dom Pablo.
- Até amanhã.
- Até amanhã.

Neruda deteve o olhar sobre o resto das cartas e logo entreabriu o portão. O carteiro estudava as nuvens com os braços cruzados no peito. O poeta foi até o seu lado e espetou-lhe o ombro com um dedo. Sem desfazer a postura, o rapaz ficou olhando para ele.

- Voltei porque suspeitei que você continuava aqui.
- É que fiquei pensando...

Neruda enfiou os dedos no cotovelo do carteiro e o foi conduzindo até o poste onde havia estacionado a bicicleta.

— E você fica sentado para pensar? Se quer ser poeta, comece por pensar caminhando. Ou você é como John Wayne, que não podia caminhar e mascar chiclete ao mesmo tempo? Agora vá para a enseada pela praia e, enquanto observa o movimento do mar, pode ir inventando metáforas.

— Dê-me um exemplo!...

— Olha este poema: "Aqui na Ilha, o mar, e quanto mar. Sai de si mesmo a cada momento. Diz que sim, que não, que não. Diz que sim, em azul, em espuma, em galope. Diz que não, que não. Não pode sossegar. Chamo-me mar, repete batendo numa pedra sem convencê-la. E então, com sete línguas verdes, de sete tigres verdes, de sete cães verdes, de sete mares verdes, percorre-a, beija-a, umedece-a e golpeia-se o peito repetindo seu nome."

Fez uma pausa satisfeito.

— O que você acha?

— Estranho.

— "Estranho." Mas que crítico mais severo!

— Não, dom Pablo. Estranho não é o poema. Estranho é como eu me sentia quando o senhor recitava o poema.

— Querido Mario, vamos ver se desenrola um pouco porque eu não posso passar toda a manhã desfrutando o papo.

— Como posso lhe explicar? Quando o senhor dizia o poema, as palavras iam daqui para ali.

— Como o mar, ora!

— Pois é, moviam-se exatamente como o mar.

— Isso é ritmo.

— Eu me senti estranho, porque com tanto movimento fiquei enjoado.

— Você ficou enjoado...

— Claro! Eu ia como um barco tremendo em suas palavras.

As pálpebras do poeta se despregaram lentamente.

— "Como um barco tremendo em minhas palavras."

— Claro!

— Sabe o que você fez, Mario?

— O quê?

— Uma metáfora.

— Mas não vale porque saiu por acaso.

— Não há imagem que não seja casual, filho.

Mario levou a mão ao coração e quis controlar um palpitar desaforado que lhe havia subido até a língua e que lutava por estalar entre seus dentes. Deteve a caminhada e, com um dedo impertinente manipulado a centímetros do nariz de seu emérito cliente, disse:

— O senhor acha que todo o mundo, quero dizer *todo* o mundo, com o vento, os mares, as árvores, as montanhas, o fogo, os animais, as casas, os desertos, as chuvas...

— ... agora já pode dizer "etcétera".

— ... os etcéteras! O senhor acha que o mundo inteiro é a metáfora de alguma coisa?

Neruda abriu a boca e seu robusto queixo pareceu desprender-se do rosto.

— Perguntei merda, dom Pablo?

— Não, homera, não.

— É que ficou com uma cara tão estranha...

— Não, acontece que eu fiquei pensando.